

Esta é uma publicação da
Aguapé - Rede Pantanal de Educação Ambiental

REVISTA



Bacia do Alto Paraguai, outubro de 2005

Ano III - Nº 09



Desenho elaborado para participação na I Conferência Nacional do Meio Ambiente em 2003 pela estudante Michelle Afonso de Almeida, da Escola Estadual Dom Fernando C.C. Saldanha, de Ponta Porã/MS.

Novos caminhos pantaneiros



Projeto de estruturação da Rede Aguapé conclui metas.
Elos fortalecem laços em Seminário de Sustentabilidade
e discutem propostas para continuidade

A truculência não calará o pensamento

por Paulo Robson de Souza
Para Michèle Sato, a Educadora Ambiental filósofa

Editorial



Não, não é possível que neste Século Vinte e Um, depois de termos criado redes tão... tão incomuns, em que a comunicação logrou o seu maior boom,

Neste século em que acertam o mais distante cometa com uma pequenina sonda sem usar uma só luneta, mas a comunicação avança das pranchetas...

Século tecnológico, sem fronteiras, mais plugado, em que bastam alguns segundos e um toque no teclado para o povo se entender se conhecer, ser amado...

Nesses tempos de conquistas de grandes velocidades, de infovias, de inventos, de curas de enfermidades... ainda temos que ouvir arcaicas barbaridades!

Nesses tempos em que os dias são de ciência sedentos, não acredito que a força possa vencer o talento, que o terror, a truculência vá calar o Pensamento.

Tanto tempo já passou, tanta árvore caiu... Mogno, jacarandá, sucupira, pau-brasil... Mata Atlântica, coitada, praticamente sumiu...

Tanto tempo já se foi, tanta água, tanto rio... Quanta Amazônia morreu, quanto Cerrado sumiu... Ao quererem "proteger", esfoliaram o Brasil. E já em novo milênio, vêm com esse blablablá que "é preciso produzir, a todo custo plantar... Felicidade é o dinheiro. *Time is money* vem primeiro. Precisamos desmatar!"

E nós? Que tempo nos resta? Contra o mal, o blablablá, há que ter bons argumentos, se unir, tecer e pensar... De linhas a rede é feita de nós. É bom lembrar.

Há tanto tempo enredados nesta teia, nestas listas de relações pessoais, tesouras positivistas querem calar um dos nós... (tesouras firmes, sem dó! - das "desenvolvimentistas").

Mas, qual desenvolvimento? Que vida querem pra si porque pensam ter direito de calar, de destruir, de abortar o amanhã, de matar, de involuir?

Eles não nos calarão com ameaças na entrelinha. Não, Michèle, não. Você jamais esteve sozinha. É neste século, então - que é da comunicação -, faz verão uma andorinha.

Ei Michèle!, saiba que nesses tempos de internet se alguém mexer com você, com **todos** se compromete. Já que nunca esteve só, não é neste quiproquó... - Ô "do porão"! Não se mete!...

Saiba detalhes sobre o caso da ameaça a Michèle Sato acessando www.redeaguape.org.br. Neste site você pode obter a versão digital deste cordel.

Expediente

Revisão e edição de textos: Allison Ishy e Yara Medeiros

Revisão técnica: Sônia Hess, Regiane Schio e Paulo Robson de Souza

Edição de arte: Yara Medeiros

Ilustrações: Lennon Godoi

Estagiária de comunicação: Adriana da Silva Souza

Jornalista responsável: Allison Ishy (DRT/MS - 171)

Apoio: Fundo Nacional do Meio Ambiente / Ministério do Meio Ambiente

Produção editorial e projeto gráfico: Potência de 2

Impressão: Gibim Gráfica e Editora Ltda.

Tiragem: 5000 exemplares.

Comunique-se

com a Revista Aguapé por: E-mail: redeaguape@yahoo.com.br
Carta: Rede Aguapé, Rua 14 de Julho, 3.169, centro, Campo Grande - MS. CEP: 79002 333 - Brasil. Telefone ou fax: (67) 3324 3230 ou 3324-9109. Pela internet você pode se inscrever na lista de discussão e informação acessando <http://br.groups.yahoo.com/group/redeaguape/> ou enviando um e-mail para redeaguape@yahoo.grupos.com.br
Ou site: www.redeaguape.org.br

Cartas



Colegas da Aguapé,

Parabenizamos a Rede Aguapé pela excelente revista e também pela inserção da mesma em todo Pantanal, ou melhor, na BAP, fortalecendo a EA e o trabalho das professoras e professores. Gostaríamos de poder utilizar desse recurso de comunicação já avaliado qualitativamente pela comunidade, nas escolas de Cuiabá, que são 101, ou seja, 83 urbanas e 18 rurais.

Luiza Braga Peixoto, educadora ambiental, Secretária Municipal de Educação, Cuiabá (MT).

Agradeço o envio da Revista Aguapé de junho de 2005. Ela está ótima, principalmente pela belíssima foto da capa. Aproveito para parabenizá-los por mais uma edição.

Um grande abraço,
Érica Miranda
Lab. de Educação em Saúde
Centro de Pesquisas René Rachou - Fiocruz

Quanto vale uma vida?

Assistimos indignados a assassinatos de cidadãos que buscam defender a vida. O preço de defender a vida, será a própria vida? Esse é um preço muito alto, é o maior dos preços, um preço que ninguém gostaria de pagar. Em virtude do saqueamento incontrolável dos recursos da natureza, alguns homens e mulheres de bem, uma minoria, lutam pela preservação de espaços ricos da fauna e flora.

Porém, esses poucos, têm incomodado os grandes vilões do capitalismo selvagem, aqueles que buscam dominar tudo, a qualquer preço! Em meio a tudo isso, alguns estão calados pelo próprio medo. Outros, alienados em sua maioria, vivem sem se preocupar. Têm-se medos demais para pensar: fome, saúde, trabalho, educação, família... Há, ainda, os que pensam que alguém, no futuro, vai resolver... Enquanto isso, as vidas vêm, as vidas vão... E tudo gira em torno de uma coisa: a busca incessante pelo "ter" e "poder". Então questiono: quem fará algo? Chico Mendes, Irmã Dorothy, indígenas, sindicalistas e uma lista enorme daquelas pessoas que lutaram e tiveram suas vidas ceifadas. Teremos nós a coragem de lutar colocando nossas vidas em risco?

Estão tentando intimidar aqueles que promovem a vida, aqueles que preservam a vida. Acreditamos que eles não serão vencidos. Esperamos que um dia, a derrota seja para aqueles que promovem a destruição, a guerra, a morte... e que isso não seja utópico, seja real! Precisamos compreender que a destruição incontrolável e voraz dos recursos naturais da Terra, que é nosso endereço, tem levado o homem a cavar sua própria sepultura.

Sinovia Rauber, estudante de ciências Biológicas, na Universidade Federal de Mato Grosso, e de Pedagogia, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Sinop (MT).

Gostaria de agradecer pelo envio da Revista Aguapé e dar os parabéns a toda a equipa pela excelente publicação. Ela traz matérias esclarecedoras sobre projetos e programas que estão acontecendo no nosso meio. Inclusive gostaríamos de continuar tendo o privilégio de receber essa publicação.

*Rosalira Figueiredo Makimori - Coordenadora do Nível Superior
Divisão de Educação Profissional Senac/DR/MS*

LIVRE REPRODUÇÃO:

"Todo e qualquer conteúdo da Revista Aguapé e do site www.redeaguape.org.br pode ser reproduzido, distribuído, colocado em murais, multiplicado, utilizado como instrumento da educação e cidadania, desde que sejam citadas as fontes e que o fim não tenha caráter lucrativo."

No balanço da flor do aguapé

por Michèle Sato*

O autoritarismo da Sociedade Moderna em se instituir a verticalidade dos poderes decisórios criou mal estar e diversos grupos se organizam nos arranjos e desenhos de uma nova estruturação. O que seria fácil ser derrubado conceitual e politicamente, tornou-se um verdadeiro desafio às redes de Educação Ambiental (EA). Ainda sem saber o rumo certo, mantêm os microcosmos do poder, agora não do rei aos súditos, mas entre seus membros que as compõem. Confundindo listas de discussões virtuais e organização em redes, muitos adentram no mundo das redes sem idéia deste novo arranjo, que não é uma associação não-governamental, organismo governamental ou grupo de estudos acadêmicos, mas de tudo isso. No grafismo rudimentar do ser humano há uma espécie de impulso para suas próprias representações e a rede pode ser um elemento comum do desejo incoercível de dar forma direta ao sentimento, aos conceitos, olhares e imagens que povoam nossas memórias.

Como será possível transcender a herança da hierarquia até alcançar e exceder os limites da própria significação em redes, que se mistura nas diferenças de várias instituições e sujeitos? Um dos caminhos talvez seja pedir emprestada a metáfora literária, assumindo as

redes como um signo folheado de uma flor de Aguapé, cujo desenho se constrói pelas películas que envolvem suas pétalas, aromas e cores, e que desfolhadas, ressoam nas águas pantaneiras no sentido fecundo do renascimento da vida. O educador ambiental, assim exposto em sua nudez, vai compreender as potências de ligações entre elos e comunicação, no ímpeto do silêncio ou do vanguardismo, sem se deixar dividir pela grosseira dualidade filosófica do sujeito e objeto - na ruptura do individualismo à construção do coletivismo.

Os olhares crus farão com que descubramos as diferenças e o mundo só será percebido quando se mantiver através dos reflexos, sombras, níveis, horizontes entre idéias e desarranjos ideológicos. Perceberemos que a sensibilidade da Aguapé jamais irá produzir um saber hegemônico, porque as realidades não são iguais. Os sentidos, como a paixão, perturbarão a alma e muitas vezes poderão nos conduzir à loucura ou a retirada da essência de ver, escutar, saborear, tatear ou murmurar. Mas o corpo instituído pela Rede Aguapé não é uma mera anatomia de tecido, xilema ou floema. É um ser sensível que se adensa na polissemia de sentidos subjetivos e que o menor ruído poderá desfolhar novamente suas pétalas, enganando a expressão de quem quer revelar seus sentidos.

Talvez as listas de discussões nos enganem porque o computador é especializado demais para a delicada existência da flor. A sua utilização cotidiana lhe deu uma funcionalidade absorvente e única. A virtualidade consegue, assim, tornar-se um intermediário frio do mundo que habita o criador e a criação. Forja uma frieza também nas relações humanas, pousando da capacidade de captar o perfume do amanhecer, ou das entidades misteriosas



Arte sobre foto de aguapés.

que povoam o Pantanal. Ressoam em impulsos animalescos com fragilidades encantadas. Pontos e linhas constróem os arcabouços da simetria, pois generaliza o místico gótico no universo singular e o grotesco torna-se vitorioso da expressão. De redução a redução, alcança uma esquemática comunicação, embora não perca a intensidade. E é esta intensidade que dá sabor às inúmeras mensagens circuladas nas listas de discussão. Mas nem sempre as almas torturadas conseguem sair do rudimentar uniforme - uma comunicação torna-se, desta maneira, uma verdadeira arte abstrata! Assemelha-se ao conjunto de emoções admiravelmente projetado no espaço, de profundidade e de arquitetura de cores, ícones e palavras que se organizam fora da tela.

E é exatamente por isso que uma rede jamais se reduz à virtualidade de Matrix, porque as almas se recusam a estes borrões trágicos e conseguem colorir a Agupapé em contrastes impressionantes. Presencialmente, ressignificamos os símbolos, equilibrando a composição. O interesse reside na frescura da imagem, palavras e tatos assumem detalhes pitorescos sem perder a capacidade poética de sensibilizar os labirintos de um sistema frio. Esta é a vitória das redes - é a voz que torna o teclado para muito além da motricidade mecânica da digitação, superando os espinhos do abismo. Se a tela simboliza o esconderijo, as redes têm a capacidade de florescer superando os despenhadeiros distantes. Os educadores ambientais emergem de suas loucuras e se comunicam superando a fatalidade - são foragidos, mas são poetas que se situam no mundo. Fazem intersecção das paisagens internas e externas, procurando sol ao espírito e sobrevivem até o próximo abraço e toques que revigoram seus sentidos no retorno às suas cavernas platônicas.

Mas é neste território que possivelmente se confrontaram os múltiplos interesses daqueles que participam das redes. Entre empresas, organizações-não

governamentais, governos e universidades, estará o germe contraditório que oculta o segredo da construção-destruição. Habitamos as redes cheias de fantasmas, entregando aos desejos da beleza da flor, mas que enfrenta escassez de chuva, poluição das águas e a ameaça de sua própria extinção. As redes, entretanto, situam-se fora do nosso conceito de status e representações, e não se reduzem à mecânica de autoridades hegemônicas. Não querem compreender que a música se limita às sete notas musicais, mas que entre o ritmo e a pausa, o hermetismo intelectual não protege contra a poesia; que a sociedade civil depende dos governos; ou que os governantes precisam de inúmeras vozes em suas políticas públicas. São caprichosas combinações da vida pantaneira, como uma inacabada pintura surrealista que não se abandona no primeiro fracasso, derrota ou contradição, mas que prefere acumular a beleza das cores nos aromas e texturas da composição de uma Rede Agupapé.

A educação ambiental realizada no arranjo da flor permite-se penetrar ao estado espiritual de reivindicação social, transformando-se amiúde em contestação política, revestida também de folclore, mitos, "causos" e assombrações. A Agupapé quer seu direito de humanização e renovação e nenhum prazer é maior que cruzar, de pé descalço o pequeno corixo das águas pantaneiras. O azul do céu se mistura com as águas oferecendo um verde simbiótico entre cor e desejo - entre matizes e ideários ecologistas. O leito varia noturnamente, refletindo a lua nas águas encantadas que brilha na flor Agupapé. Entre nuvens, estrelas e sons da mata, o preguiçoso balanço da rede acalenta os sonhos em se promover a democracia, com proteção ecológica e inclusão social pelos balanços da educação ambiental.

* Michèle Sato é professora da Universidade Federal de Mato Grosso. Autora de vários livros, é elo da Rede Agupapé e facilitadora da Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental (REMTEA)



Auge e queda econômica em Porto da Manga



Trechos da "Moda de Porto da Manga"

Por Ramão Frajardo

Vai chegando no Porto da Manga os turistas mais humildes
Encontra com Cambalito e sua esposa D. Benilde
Depois vem o teu gerente, que é o Denilson e D.
[Vanilde
Pra saborear uma peixada feita pela D. Erolilde

E no outro dia cedinho é uma alegria fatal
Já seguem pra pescaria e vão pro Abobral
Outro pega o Taquari e vai pro Pimenteira
Outro vai pra Cruzinha, onde a pesca é normal

A despedida do turista faz aquela ladainha
Despede dos pilotos "e aqui está sua caixinha"
Um olha pro outro e já dá uma risadinha
"Vamo pro bar do hotel, tomar uma cervejinha"

A despedida dos turistas faz aquela reunião
Despede dos pilotos, dando um aperto de mão
Ele já pega a barca com muita satisfação
E vai atravessando o rio, deixando nosso rincão
Nossos amigos pilotos tratam os turistas com carinho
Alembro do Boca-Roxo, Mamadeira e Luizinho
Tem o Maneco-Pomada, Juruna e Pacuzinho
Tem Ramão-Branco, o Igdio e o Neginho
Tem o Pedro Pé-Chato e o famoso Batinho.



O senhor Ramão Frajardo mora na casa construída pelo Marechal Rondon e que antigamente era o telégrafo local.

No Pantanal, nem toda a riqueza de biodiversidade é capaz de amenizar a amarga realidade das comunidades tradicionais, como a que existe em Porto da Manga, vila nas margens do rio Paraguai, na cidade de Corumbá (MS). A vila já vivenciou o auge de sua economia com o turismo de pesca, na década de 1990, e atualmente falta energia elétrica, serviços básicos de saúde, de escola, transporte, moradia e sobra desemprego.

Este "peteleco" é do senhor Ramão Frajardo, policial civil aposentado e ex-piloteiro de barco em Porto da Manga, "filho da fronteira", criado em Coronel Sapucaia (MS). Ele já passou por quase todos Estados do Brasil, conhece cinco países, serviu no Batalhão de Suez, foi guarda bancário, peão de boiadeiro e motorista. Saudosista, hoje com 81 anos, e na região há 20 anos, ele conta como era a vila antigamente e lamenta o atual estado de abandono de Porto da Manga.

"O turismo era muito evoluído, quando trabalhava de piloto, eu nem chegava a arrumar os peixes para os turistas, eu chegava... o patrão falava: - você vai voltar com esse outro pessoal que já chegou! Daqui até aliíííí... assim (mostrando a paisagem), era uma cidade, era acampamento, era de tudo... era uma beleza! Era consumo de tudo, era muita gente, até criança, e o movimento era demais. Mas depois foi caindo, faltava estrada, e até teve época que nós passávamos necessidade porque não tinha remédio. E não passava ninguém nessas estradas. Até agora, bem dizendo, nós estamos isolados.

Para ir a Corumbá nós temos que pegar carona com quem oferecer ou com os fazendeiros, que levam de graça, mas quando a gente vai fazer compra lá, pra trazer pra cá, tem que pagar de R\$ 80 a R\$ 100 reais. Fica uma dificuldade pra nós. Pra pegar um peixe e vender nós temos que vender na hora, porque não temos energia elétrica. Eu mesmo tenho geladeira parada lá em casa.

Aqui não tem posto médico, e já apareceu muita gente para tentar resolver os problemas e até hoje nada. Nós temos aqui atendimento médico quando passa o navio da Marinha, vem de 15 em 15 dias, às vezes, e passam receita médica e os remédios que eles têm. Mas aqui, o remédio que você acha mais fácil é pinga e cerveja, se você procurar um comprimido, não acha.

Eu com esses 20 anos que estou aqui, não conheci nenhum prefeito de Corumbá que veio pra cá perguntar o que é que nós precisamos. Estou por aqui sem ter um parente, meus únicos parentes são meus amigos e meus filhos. Assim vamos vivendo e estamos prontos pra trabalhar até o fim da força que tivermos. E também a gente inventa 'umas moda' pra distrair".



Encontro em MT debate opções e identidades da educação ambiental

Principais objetivos

- * Evidenciar os riscos das orientações internacionais, contrapondo o desenvolvimento sustentável com as sociedades sustentáveis;
- * Debater a década da Unesco, em sua plataforma política de confrontos de olhares, visões, perspectivas e políticas para promover o diálogo entre as diversas identidades;
- * Fortalecer espaços iberos americanos, com especial consideração na Rede Lusófona e suas posições referentes à Carta da Terra;
- * Fazer emergir a importância da REBEA, hoje caracterizada como a "Rede das Redes", na sua articulação e interlocução na trajetória da EA, através da cooperação, fraternidade e solidariedade;
- * Dar sustentabilidade ao diálogo com o estado do Mato Grosso do Sul, através do Programa de Formação em Educação Ambiental no Pantanal (PROFEAP);
- * Fortalecer os territórios e tempos da REMTEA, na sua magnitude epistemológica, metodológica e política à construção de demais redes locais de Mato Grosso, como Rondonópolis, Diamantino, Nova Xavantina e também da Rede Juventude de EA;
- * Fortalecer a Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA);
- * Contribuir com a EA nos espaços escolares, discutindo a formação de professores, currículo e Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) na perspectiva do diálogo com as comunidades do entorno escolar (PREÁ-SEDUC);
- * Fomentar a irreverência e ousadia da Rede da Juventude para o Meio Ambiente (Rejuma), buscando fomentar a orientação "Jovem Educa Jovem", no marco da proposição "Vamos Cuidar do Brasil";
- * Proporcionar debates e corroborar com os programas de EA não escolarizados, aliando o conhecimento local com o científico;
- * Promover a articulação com as instituições e sujeitos ecológicos que mantêm interface com a EA, no sentido de aliar esforços e conjugar um projeto em comum, evitando duplicidade, competições ou centralismo;
- * Promover novos espaços de encontros, tempo para diálogos e momentos face-a-face de reencontros;
- * Promover momentos de sociabilidade, trocas e formação pedagógica que possam (re)construir saberes críticos e criativos na EA.

Sociedades Sustentáveis ou Desenvolvimento Sustentável? Quais são as opções e as identidades da Educação Ambiental? A discussão proposta pelo IV Encontro de Educador@s Ambientais de Mato Grosso e I Fórum do Programa de Formação em Educação Ambiental no Pantanal (Profeap) acontecem de 10 a 12 de novembro de 2005, em Cuiabá, MT. A programação traz debates sobre os vários cenários da EA da contemporaneidade, para os educadores ambientais dos dois Matos Grossos (MT e MS), da Bacia do Alto Paraguai e do Brasil. No III Encontro de Educador@s Ambientais de Mato Grosso, realizado em 2003, estudantes e pesquisadores de 19 estados brasileiros participaram.

Programas e políticas nacional e regionais de EA, a criativa e significativa Rede da Juventude para o Meio Ambiente, com as contribuições dos jovens, o fortalecimento das redes na continuidade do V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental (realizado em Goiânia - GO, em novembro de 2004), a discussão sobre o V Congresso Ibero Americano da Educação Ambiental no Brasil (em 2006) e o início da década da "Educação para o Desenvolvimento Sustentável" (EpDS) da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura são os principais temas do encontro.

Para mais informações acesse
www.ufmt.br/remtea

Educação ambiental Fortalecendo n^os

Rede Aguapé semeia seu futuro com encontro e reflexão coletiva

Os últimos passos do projeto que estruturou a Rede Aguapé no Pantanal foram os primeiros na busca da implementação efetiva deste espaço de discussão e ação. Reunidos em Campo Grande (MS) multiplicadores e comunidade discutiram como fortalecer os laços e buscar novos membros que trabalham pela educação ambiental durante o Seminário de Sustentabilidade da Rede Aguapé, de 23 a 24 de maio de 2005, na Universidade Católica Dom Bosco. Um Grupo de Trabalho foi criado para procurar os melhores caminhos para a manutenção da Rede Aguapé. Dinâmicas de integração, palestra, mesa-redonda e oficinas ajudaram a tecer um futuro para a Rede e também analisar o caminho percorrido ao longo do projeto de Estruturação da Aguapé - Rede Pantanal de Educação Ambiental, apoiado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente. "É um momento de sair do projeto e entrar no

Oficinas trataram de comunicação para a EA, elaboração de projetos e rádio

Objetivo geral da Rede Aguapé

Enraizar a educação ambiental na Bacia do Alto Paraguai e Pantanal (MT, MS, Bolívia, Paraguai)

Específicos:

- † Compartilhar experiências e conhecimentos em Educação Ambiental.
- † Apoiar iniciativas de EA.
- † Articular e integrar pessoas e instituições que atuam no campo da Educação Ambiental
- † Fortalecer a Rede Aguapé por meio da difusão da cultura de rede com formação de facilitadores e fortalecimento de elos.
- † Disseminar conhecimentos, informações e experiências que contribuam para que as comunidades do Pantanal evoluam em direção à sustentabilidade em todas as suas dimensões.

processo de Rede", resumiu a jornalista e facilitadora da Rebea (Rede Brasileira de Educação Ambiental), Vivianne Amaral.

Ao longo dos três anos em que o projeto apoiou ações na Bacia do Alto Paraguai, foram feitos muitos contatos, mas agora, sem ações nem cronograma definidos, que caminho percorrerá a Rede Aguapé? O primeiro passo foi pensar coletivamente nos objetivos da Rede durante a oficina realizada entre os principais envolvidos. Cada participante refletiu individualmente sobre a situação atual, os problemas, desafios, pontos positivos e negativos. O grupo conheceu todas as idéias buscando as semelhanças e diferenças de pensamento para findar numa construção coletiva de sonhos e desejos. (Veja alguns resultados nos quadros acima e ao lado e na página 10).



Eu sonho que a rede

- † Torne-se uma referência em EA para pesquisadores, professores e estudantes de escolas e universidades;
- † Fortaleça os educadores ambientais;
- † Seja auto-alimentada por todos seus integrantes com ações e informações atuais e importantes sendo divulgadas;
- † Efetive seu potencial, por meio virtual e presencial, desenvolvendo uma prática política condizente com os princípios do padrão organizacional de rede;
- † Seja democrática, participativa e descentralizada;
- † Tenha sua coordenação desvinculada da coordenação dos projetos;
- † Seja fortalecida em sua horizontalidade e capacidade de mobilização;
- † Alcance sua sustentabilidade;
- † Amplie e fortaleça seus elos e que participem ativamente da Rede;
- † Tenha pelo menos um elo atuando de forma estruturada nos pólos, com projetos aprovados;
- † Integre seus elos, contribuindo para sensibilização ambiental no Pantanal;
- † Tenha em cada elo um agente pela melhoria da qualidade de vida e pela sustentabilidade;
- † Integre a maioria das iniciativas de EA e envolva 100% dos protagonistas de ações de EA do Pantanal;
- † Amplie sua abrangência municipal;
- † Integre cada vez mais comunidades.



Acima, oficina para elaboração de projetos para o FNMA e, abaixo, parte do Grupo de Trabalho de Sustentabilidade

O projeto que estruturou a Rede Agupapé gerou muitos ganhos. Zeila Conceição, educadora de Poconé (MT), lembra que o curso de capacitação a ajudou a entender seu papel. "Foi uma oportunidade que tivemos de aperfeiçoar o nosso conhecimento em relação ao sistema de rede, porque muitas vezes a gente não estava a par de como funcionava uma rede de educação ambiental e o trabalho que teríamos que desenvolver no município pólo". Zeila participou em 2003 do curso oferecido pelo projeto da Agupapé para 20 pessoas de 11 municípios da Bacia do Alto Paraguai. Cida Donatti, de Porto Murtinho (MS), destaca a importância dos elos para o fortalecimento da trama da Rede. "Os facilitadores servem de elos entre os outros membros da rede, pessoas de vários municípios, fazendo a troca de informações e promovendo atividades".

Por tratar de educação ambiental numa região específica que atravessa fronteiras, a Agupapé é uma rede temática e geográfica e isto foi apontado como uma forma de obter bons resultados. "A experiência desta Rede tem um diferencial das outras porque tem como objetivo uma atuação além do espaço brasileiro, porque trabalha com o Pantanal. Esse processo/expansão integrando educadores do Paraguai e da Bolívia é muito importante porque quando se pensa na conservação do Pantanal não tem como conservar parte da região, é muito mais difícil", analisa Vivianne Amaral.



Desafios

Das dificuldades e problemas enfrentados destaca-se o pouco envolvimento de alguns elos e a dificuldade em utilizar ferramentas alternativas de comunicação (lista de discussão, sites, fóruns, chats, rádio, fanzines, xerox, fax etc). Durante o seminário, foram realizadas oficinas. Para suprir esta carência, rádio e comunicação ambiental foram abordadas mostrando alternativas de trabalho com educomunicação. "A oficina de comunicação me ajudou a ter mais objetividade em expressar opiniões e a facilitar o trabalho em grupo através da comunicação", avaliou a estudante de biologia, Pollyana Souto, durante o seminário. Na oficina de rádio, os participantes aprenderam a produzir um programa, o produto foi apresentado ao final do evento e está disponível no site da Aguapé.

Os elos também lembraram que muitas pessoas enxergam a rede como instituição, ponto que foi esclarecido nas discussões. "As relações que se estabelecem em uma rede não são de subordinação. A idéia é que não existam hierarquias, autoritarismo. As pessoas investem no fortalecimento das instituições e pessoas que participam da rede. O que a gente chama de empoderamento, um valor que é muito grande: a questão da autonomia", explica Vivianne. João Carlos Gomes, de Cuiabá (MT), facilitador da REMTEA (Rede Mato-grossense de Educação Ambiental) também embrou esta questão: "O trabalho em rede possibilita um padrão de organização, de articulação diferenciado do que está implantado no sistema convencional. Como a educação ambiental busca ser uma educação que promove um ato que seja político, acredito que trabalhar em rede possibilita dar vazão às nossas utopias políticas numa articulação que seja muito mais horizontal e democrática".

Novo site

Para acompanhar o processo de implantação da Rede Aguapé visite nosso novo espaço na internet: www.redeaguape.org.br. A página está com novo visual e conteúdo. Os usuários podem enviar cartões com imagens do Pantanal e outros motivos, com destaque para cartazes feitos por estudantes do MS durante a Conferência do Meio Ambiente / 2003. Os usuários têm livre acesso a inserção de informações no mural e agenda abertos e podem conferir experiências e práticas sustentáveis para a educação ambiental. O site espera sua visita e colaboração.



Participante da oficina de rádio durante produção do programa: Rádio Aguapé

Desafios da Aguapé

- † Acesso à internet;
- † Integração das comunidades;
- † Contatos dificultados por pouco retorno de facilitadores, elos, coordenação;
- † As pessoas enxergam a rede como instituição;
- † Poucos recursos humanos e estruturais;
- † Pouca motivação dos elos;
- † Tiragem reduzida da Revista Aguapé (ampliar a revista e suas características);
- † Falta de continuidade de comunicação entre os elos;
- † Falta de pessoas com dedicação exclusiva na coordenação e animação da Rede;
- † Dificuldade de utilizar as ferramentas alternativas de comunicação (lista de discussão, sites, fóruns, chats, rádio, fanzines, xerox, fax).

Sugestão de encaminhamento para o GT de Sustentabilidade

- † Analisar, debater e finalizar o Plano de Ação.
- † Organizar oficinas setoriais de planejamento participativo para detalhamento de planos e projetos específicos para cada área ou eixo de ação.
- † Integrar os planos ou projetos setoriais formando um Plano Geral de Ação para Sustentabilidade da Rede Aguapé, com um prazo de dois anos.
- † Divulgar o plano entre todos os membros da Rede, podendo ser utilizado como referência para ações locais.

Fim de um caminho para início de outros

Projeto de estruturação da Rede Aguapé é finalizado

No mês de agosto de 2005 foi entregue ao Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) o relatório final do Projeto de Estruturação da Rede Pantanal de Educação Ambiental. A iniciativa estruturou na região da Bacia do Alto Paraguai (BAP) a primeira rede de Educação Ambiental integrando todo o Pantanal. Desde 2002 diversas ações, mobilizações e articulações foram feitas para disseminar o instrumento de rede como forma de fortalecer a educação ambiental e interconectar pessoas de diferentes comunidades, cidades, estados e países.

Foi a primeira vez que o FNMA, criado pelo governo brasileiro para contribuir com financiamento a implementação da Política Nacional do Meio Ambiente, financiou projetos de redes de EA por meio de edital de demanda induzida. Além da Rede Aguapé, outras foram fortalecidas com apoio do FNMA: Rede Brasileira de EA (Rebea), Rede Paulista de EA (Repea), Rede Acreana de EA (RAEA) e Rede de EA Sul-Brasileira (REASUL).

Os Seminários de Educação Ambiental para as Cidades Pantaneiras, iniciativa anterior coordenada pelas organizações Mulheres em Ação no Pantanal (Mupan) e WWF-Brasil já discutiam possibilidades e cenários para futuras articulações e ações em rede na área da EA. Com a parceria da Mupan no projeto, a Rede Aguapé incorporou as metodologias dos Seminários de EA como forma de fortalecer trabalhos anteriores na BAP.

Apesar da inexistência das articulações em rede, não perceptíveis à primeira vista, o projeto revelou diversas formas de atuação com estas estratégias entre educadores ambientais pantaneiros com suas comunidades e lideranças, como o caso de Wânia Alecrim, da Associação Amor-Peixe, de Corumbá (MS); de Zeila Cecília, a coordenadora pedagógica poconeana de uma escola de referência no Brasil em EA; de Cida Donatti, professora do município de Porto Murtinho (MS) que não só participa da Rede Aguapé, mas também de várias outras: ambientais, sociais e de saúde.

Continua >>>



Sonho que se sonha junto

Continua >>>

A Aguapé, ao lado das primeiras redes de EA que surgiram no Brasil como a Rebea e a Rede Mato-Grossense de EA (Remtea), compartilhou diversos momentos, como no Fome Zero da Educação Ambiental, ocorrido em novembro de 2003, em Cuiabá (MT), e o V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, o maior encontro de educadores ambientais do Brasil, que aconteceu em novembro de 2004.

Facilitadores em 12 localidades do Pantanal brasileiro, além do Paraguai, site, lista de discussão, treinamentos e discussões locais, eventos regionais e nacionais e informações democratizadas sobre quem faz o que pela EA na BAP dão corpo à estrutura da Rede Aguapé. Para continuidade, na fase seguinte, de implementação, outras ações já foram tecidas ou estão em articulação, como novos projetos e parcerias, como o Programa de Formação de Educadoras(es) Ambientais Pantanal (Profeap) e o processo da Conferência do Meio Ambiente.

Juntamente com a UFMS, a Rede Aguapé vai

executar novo projeto na bacia do rio Apa para trabalhar pela popularização da ciência, olhando para as questões da água. O projeto foi aprovado concorrendo no edital CT-HIDRO/MCT/CNPq nº 015/2005 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mais uma edição da Revista Aguapé circulará em breve com apoio do CNPq.

A equipe de profissionais de comunicação da Aguapé também analisou a versão para consulta do Programa Nacional de Educomunicação, socializando a proposta para debater e encaminhar ao Ministério do Meio Ambiente com as sugestões dos comunicadores da região pantaneira.

O principal objetivo desta primeira fase da Rede Aguapé, a sua estruturação, foi concluído. Os municípios da BAP que participaram de ações e hoje integram a articulação em rede são, no Mato Grosso: Cuiabá, Cáceres, Poconé, Santo Antônio do Leverger, e Barão de Melgaço e em Mato Grosso do Sul: Campo Grande, Aquidauana, Coxim, Corumbá, Jardim,

1 Diagnóstico da EA no Pantanal	2 Comunicação e difusão de informações socioambientais	3 Capacitação de agentes multiplicadores para gestão e EA em rede
<p>O primeiro diagnóstico da EA realizado na região da BAP revelou que são muitas as atividades pontuais e poucos os programas que trabalham a transformação necessária dos comportamentos. Identificou a mudança de cenário na EA no Pantanal, entre 2002 e 2005, influenciada por novos projetos e pela própria prática de atuação em rede e mostra que atualmente mais de 100 instituições são atuantes em EA na BAP. Meta coordenada pela Secretaria de Educação de MS.</p>	<p>Lançou o site, a Revista Aguapé, o boletim via e-mail Expresso Aguapé e a lista de discussão por e-mail. As ações realizadas ajudaram a democratizar as informações ambientais e fortalecer a luta ambiental em defesa do Pantanal e de suas populações. Está construindo novas parcerias para promover a descentralização dos meios de comunicação da rede. No Programa de Formação de Educadores Ambientais do Pantanal prevê ações para iniciar o processo de descentralizar a produção e difusão de informações e operação dos meios de comunicação criados. Meta coordenada pela ong Ecoa - Ecologia e Ação.</p>	<p>A capacitação de lideranças populares em EA ou meio ambiente para fortalecer o trabalho e ações do dia-dia trouxe a incorporação de novas tecnologias e conhecimentos sobre os instrumentos de redes para alunos. A meta foi pensada para possibilitar, além da troca de informações, a ampliação do conhecimento e a livre conexão entre estas lideranças para formação de novos nós e malhas da rede. As disciplinas podem ser creditadas para a especialização em Gestão e Educação Ambiental que será oferecida pela UFMS. A capacitação representa metade da carga horária deste curso. Meta coordenada pela UFMS.</p>

Para ver mais resultados do projeto visite nosso site: www.redeaguape.org.br

é realidade

Nioaque e Porto Murtinho. No Paraguai, Colônia Carmelo Peralta, município de Porto Casado, Província do Alto Paraguai (fronteira com Porto Murtinho).



Foto: Arquivo Rede Aguapé.

Foto: José Ricardo Castillon - Instituto Gaia - Cáceres (MT).

Simone Mamede durante entrevista à rádio do Paraguai, na fronteira com Porto Murtinho (MS)



Nas visitas a Rede Aguapé conheceu manifestações da cultura pantaneira. Acima, Lavadeiras de São João Batista, grupo religioso e tradicional de pantaneiras.

4

Atuação, mobilização e articulação em rede

Reuniões de integração multidisciplinar, visitas técnicas, seminários e oficinas de intercâmbio, possibilitaram aos próprios educadores ambientais pantaneiros conhecer novas práticas, trocar informações, expor suas opiniões, idéias e elaborar propostas e planos na área de EA, tornando-se assim facilitadores de um processo contínuo de informações de metodologias e práticas que é a Rede Aguapé de Educação Ambiental. As atividades presenciais aconteceram em: Porto Murtinho, Jardim, Coxim, Corumbá, Aquidauana e Campo Grande (MS) e Cuiabá, Santo Antonio do Leverger, Poconé, Cáceres (MT). Meta coordenada pela ong Mupan e Instituto Meio Ambiente Pantanal - IMAP/SEMA

Foto: Alison Igray



Jovens de Cáceres, caracterizadas para o Dia do Rio Paraguai (14 de novembro)

Campanha alerta sobre usinas de álcool no Pantanal

A campanha contra a instalação de usinas de álcool na bacia pantaneira está gerando mobilizações para impedir que a Lei Estadual nº 328/82 (MS) seja modificada e permita este tipo de empreendimento na Bacia do Alto Paraguai (BAP). O projeto de lei, apresentado pelo deputado estadual Dagoberto Nogueira (PDT), está na Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, provocando discordância entre parlamentares. A campanha "Usinas de Álcool Não no Pantanal!" é uma iniciativa do Fórum de Defesa do Pantanal e está recebendo apoio nacional de entidades como a Fundação SOS Mata Atlântica e do deputado Fernando Gabeira. Para participar você pode referendar um abaixo-assinado e pela internet enviar um recado aos deputados manifestando sua opinião pelo site www.ecoa.org.br, a página também oferece uma série de informações. Usinas de álcool são um grande risco à integridade do Pantanal porque o vinhoto, subproduto da cana-de-açúcar, é altamente poluente e, no caso de um acidente, pode chegar aos rios e se espalhar pela planície pantaneira. Defensores do projeto argumentam que as usinas não oferecerão riscos porque não serão instaladas na planície, mas no planalto da Bacia do Alto Paraguai. Pesquisadores e técnicos explicam que numa bacia hidrográfica qualquer ação pode repercutir por toda sua extensão e por isso pode atingir o Pantanal. A implantação na região do Estado que corresponde à Bacia do Paraná oferece menores riscos. Os políticos de municípios que podem ter as usinas, como Coxim e São Gabriel do Oeste e outros estão se mobilizando a favor do projeto, principalmente por causa da promessa de empregos e desenvolvimento. A campanha defende que sejam discutidas novas alternativas, pois o número de empregos pode não ser tão representativo, já que será necessária mão-de-obra especializada e as principais vagas serão para trabalhos pesados e temporários. Para participar do movimento procure a ong Ecoa que fica em Campo Grande (MS), informe-se pelo telefone (67) 3324 3230.

Conferência mobiliza sociedade pelo meio ambiente

Estão ocorrendo mobilizações para a II Conferência Nacional do Meio Ambiente, versão adulta e infanto-juvenil. Como na primeira edição, os estados brasileiros devem discutir e organizar propostas pelo meio ambiente e eleger delegados que irão apresentá-las em Brasília (DF). Os jovens que estudam ensino fundamental e têm de 11 a 14 anos podem participar da versão Infanto-juvenil, que ocorre nas escolas. Em Mato Grosso do Sul, a mobilização começou com uma oficina de repasse da metodologia de trabalho para representantes de municípios de todo o Estado. A proposta é produzir um cartaz sobre meio ambiente e uma ação executável com a distribuição de responsabilidades. Os melhores 24 trabalhos serão eleitos pelo Conselho Jovem e cada escola poderá levar um(a) delegado(a) para representar o Estado na II Conferência Nacional Infanto-Juvenil que deve acontecer no primeiro semestre de 2006. As mobilizações nas escolas ocorrem até 30 de novembro. A versão adulta é dirigida aos maiores de 16 anos. Em Mato Grosso do Sul será realizada a Conferência Estadual na primeira quinzena de novembro. Mas para isto, os municípios terão mobilizar órgãos públicos ou entidades para realizarem encontros com o eixo de discussão voltado às políticas ambientais integradas e uso sustentável dos recursos naturais e eleger os delegados. Os escolhidos virão à Conferência Estadual para a escolha dos representantes do Estado para a II Conferência Nacional, de 10 a 13 de dezembro de 2005, em Brasília. Se MS tiver a participação de 300 pessoas na Estadual, poderá levar os 30 delegados que tem direito. Por isso, mobilize-se para que haja uma boa representação das propostas das comunidades do Estado.

Saiba mais sobre a versão infanto-juvenil na Secretaria Estadual de Educação pelos telefones (67) 3318 2275 ou 3318 2235, falar com Claudete ou Regina ou na Secretaria Municipal de Educação, (67) 3314 3813, com Hélio. No site do Ministério do Meio Ambiente encontre informações sobre os resultados da I Conferência e as instruções para esta edição: www.mec.gov.br/conferenciainfanto. **Sobre a versão adulta:** No Núcleo de Educação Ambiental do Ibama pelo telefone (67) 3317 2607 ou 3317 2606. O e-mail cnma2adulta@yahoo.com.br e pelo site do Ministério do Meio Ambiente, www.mma.gov.br.

Atividades para sala de aula

Aqui uma sugestão de trabalho que pode auxiliar na elaboração de conceitos e discussão de temas polêmicos como usinas de álcool na Bacia do Alto Paraguai. São dicas práticas que podem ser facilmente adaptadas aos seus objetivos e à turma. Se for o caso, procure combinar com as professoras e professores de outras disciplinas como poderão atuar em conjunto para integrar, em uma mesma atividade, vários tipos de saberes.



Júri simulado

Esta é uma atividade solene e de grande seriedade, que precisa ser tratada pela classe como um verdadeiro Tribunal do Júri, definido pela Constituição Federal como "um órgão de 1ª instância, da Justiça Comum, heterogêneo e temporário". Por essa razão, vamos desenvolvê-la dentro de critérios jurídicos com linguagem e atitudes apropriadas a juristas que irão julgar um caso controverso.

Etapas da atividade

1. Ajude a turma na escolha de um tema polêmico, que gere diversos pontos de vista divergentes, baseados na leitura do livro texto. Por exemplo: será que temos o direito de pescar ou caçar animais como uma forma de lazer?
2. Trabalhe esse tema em classe, tentando perceber junto com os estudantes suas diversas facetas.
3. Forme um Tribunal do Júri com a classe. Este é composto por um juiz ou juíza, que é seu presidente; um advogado ou advogada de defesa, um promotor ou promotora (para acusação), três testemunhas de defesa, três testemunhas de acusação, e pelos jurados - sete cidadãos e cidadãs. Todos podem ser escolhidos por sorteio ou por voluntariado. O réu pode estar presente, representado por algum voluntário ou pode ser julgado à revelia (sem estar lá).
4. No dia e hora marcados, em um plenário arrumado na sala de aula em forma de tribunal, o juiz ou juíza instalará a sessão, pedindo ao professor que apresente as partes e as testemunhas. Ele poderá também pedir que leia um relatório da Ação Penal, expondo os fatos, as provas e as conclusões das partes.
5. A defesa e a acusação também lêem suas partes.
6. São então inquiridas as testemunhas de defesa e de acusação.
7. Encerrada a instrução, passa-se aos debates, primeiro pela acusação e depois pela defesa, sendo concedido a ambos um tempo definido (30 minutos, por exemplo) a ser repartido entre eles.
8. Após os debates, a acusação poderá fazer réplica e a defesa tréplica, sempre com tempos acordados.
 - a) Esta atividade permite várias adaptações de números de testemunha, júri etc. de acordo com cada classe e série.
 - b) Pode-se dividir a classe em três grupos sendo *acusação*, *defesa* e *júri*. e promover pesquisas para preparação de argumentos, provas etc.
9. O juiz procede então à leitura das perguntas a serem respondidas pelos jurados, que passarão à sala secreta para discutir e votar.
10. Finalizada a votação, o juiz irá proferir a sentença.

O Sistema de Áreas Úmidas Paraguai-Paraná

Este sistema de áreas úmidas é o vale central da América do Sul, uma depressão sub-andina que compreende o grande Pantanal Mato-grossense, Boliviano e Paraguai, e todas as demais áreas úmidas (Pantanaís) ao longo da Bacia do Rio Paraguai Médio e Inferior e do vale da Bacia do Paraná Médio e Inferior, até a foz do rio da Prata, no Oceano Atlântico. Todos estes Pantanaís estão interconectados ao longo de mais de 3.400 quilômetros de rios livres de represas no Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai, formando o maior corredor de áreas úmidas de água doce do mundo.

O Sistema é uma região de importância internacional; nele estão muitas áreas reconhecidas como sítios Ramsar, Reserva da Biosfera Mundial, Patrimônio Mundial da Humanidade entre outros títulos. Tem extraordinária variedade morfológica, climática, rica biodiversidade, qualidade dos solos, das águas e diversidade cultural de seus habitantes, com valor ecológico e econômico tão grande quanto suas complexidades e singularidades que fazem a região única no planeta. Ao longo dos Pantanaís do Sistema Paraguai-Paraná vivem mais de 20 milhões de pessoas em comunidades indígenas, tradicionais, ribeirinhas e rurais, além das populações urbanas das cidades e grandes centros, como Assunção (Paraguai) e Buenos Aires (Argentina).

Nas últimas décadas têm ocorrido no Sistema grandes inundações, relacionadas com as ameaças e com o agravamento do fenômeno do aquecimento global. O regime das águas e sua qualidade têm sido alterados e as populações humanas, a fauna e a flora estão sendo gravemente prejudicadas.

Por sua natural interconetividade e crescente relevância internacional, o Sistema oferece oportunidade para a construção de ações integradas que garantam sua conservação e promovam o desenvolvimento local com bases sustentáveis. Atualmente a sociedade civil, representada por Ongs, movimentos sociais, coletivos organizados e redes de meio ambiente estão se mobilizando para a construção de um plano integrado com os cinco países para o Sistema de Áreas Úmidas Paraguai-Paraná.



Colecione informações sobre o Pantanal

Allison Isthy

Fonte: Rede Pantanal de Ongs e Movimentos Sociais e Coalizão Rios Vivos. Mais informações em www.riosvivos.org.br

Ameaças ao Sistema:

- Ações humanas na bacia do Prata (Paraguai e Paraná), que afetam direta e indiretamente sua integridade e suas populações;
- Desmatamentos causados pela expansão da fronteira agrícola e pecuária e em áreas de mata ciliar e de nascentes;
- Contaminação dos corpos d'água por agrotóxicos;
- Assoreamento dos rios e erosão dos leitos;
- Queimadas e uso de tecnologias inadequadas para o manejo dos recursos naturais;
- Transporte fluvial em escala industrial, que altera as condições naturais dos rios;
- Grandes projetos de infra-estrutura, como hidrelétricas, pólos minero-siderúrgico e gás-químico que têm alto potencial poluidor e de contaminação;
- Concentração de renda;
- Falta de políticas e propostas adequadas para a melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais, indígenas e ribeirinhas;
- Exclusão social, crescimento das áreas urbanas e superexploração dos recursos naturais.

Parceiros:



Proponente:



Apoio:



www.redeaguape.org.br